
Cuidados paliativos na psicologia hospitalar

Palliative care in hospital psychology

Aline Araújo dos SantosORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7575-6513>

Centro Universitário FAMETRO, Brasil

E-mail: alineaj.an@gmail.com**Fernanda Manuela Pereira Amaral**ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1032-0820>

Centro Universitário FAMETRO, Brasil

E-mail: fernandamaral1100@gmail.com**Júlio César Pinto de Souza**ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3622-1393>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: cmte01@yahoo.com.br**Deídre Silva do Nascimento**ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3396-5164>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: deidresilva.psi@hotmail.com

RESUMO

Os Cuidados Paliativos se tratam de uma abordagem multidisciplinar voltada para o cuidado integral de pessoas que enfrentam doenças graves, incuráveis ou progressivas, com foco na qualidade de vida e no alívio dos sintomas, sendo essencial a contribuição da psicologia durante tal processo. O objetivo deste artigo é discutir sobre a atuação do profissional da psicologia hospitalar no acompanhamento do paciente em cuidados paliativos. Essa pesquisa é uma revisão bibliográfica sistemática, com caráter descritivo e bibliográfico. Os resultados mostram a atuação do profissional nos cuidados paliativos, identificam os aspectos trabalhados pelo psicólogo para auxiliar o paciente a lidar com a morte e apresentam a necessidade da prática do autocuidado do profissional.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos; psicólogo hospitalar; Autocuidado.

ABSTRACT

Palliative Care is a multidisciplinary approach aimed at providing comprehensive care for patients facing serious, incurable, or progressive illnesses, with a focus on quality of life and symptom relief, with the essential contribution of psychology during this process. The objective of this article is to discuss the role of the hospital psychologist in the care of patients in palliative care. This research is a systematic literature review, with a descriptive and bibliographic character. The results demonstrate the involvement of psychologists in palliative care, identify the aspects addressed by psychologists to help patients cope with death, and highlight the need for self-care practices by professionals.

Keywords: Palliative Care; hospital psychologist; self-care.

INTRODUÇÃO

Os Cuidados Paliativos podem ser entendidos como uma abordagem multidisciplinar humanizada, cujo foco é promover qualidade de vida para o paciente e seus familiares, atuando “no controle dos sintomas, na identificação precoce, prevenção e alívio do sofrimento, avaliação e tratamento da dor demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais”, em pessoas com patologias que ameaçam a continuidade da vida e não evolui para cura (WHO, 2017, apud FERNANDES; FELDHAUS; MATIOLI, 2021, p. 2).

O diagnóstico costuma ter grande impacto no indivíduo e seus familiares, sendo necessário amparo e acolhimento durante esse processo de sofrimento em todas as dimensões da vida (FARIA et al., 2017, apud FERNANDES; FELDHAUS; MATIOLI, 2021). Todos os sujeitos envolvidos, sejam pacientes, familiares e/ou cuidadores, devem ter assistência da equipe de saúde durante o transcurso da doença e posteriormente, durante o luto (SBGG, 2014-2016, apud FERNANDES; FELDHAUS; MATIOLI, 2021).

Gomes e Othero (2016, apud FERNANDES; FELDHAUS; MATIOLI, 2021, p. 5) apontam os seguintes norteadores dos cuidados paliativos: “prevenção e controle de sintomas; intervenção psicossocial e espiritual; paciente e família como unidade de cuidados; autonomia e independência, comunicação e trabalho em equipe interdisciplinar”. A partir disto, entende-se a essencialidade do profissional da psicologia no acompanhamento do processo paliativo.

Frente a limitude humana, são despertadas curiosidades e reflexões, bem como dúvidas, emoções e desconforto. As emoções e sentimentos fomentados pela morte também fazem com que a curiosidade sobre ela cesse. Consequentemente, as pessoas têm dificuldade em elaborar tais sentimentos, fugindo deles e evitando falar sobre o tema (KOVÁCS, 1992, apud FITARONI; BOUSFIELD; SILVA, 2021).

Diante desse contexto, o presente artigo buscou abordar a atuação da psicologia nos cuidados paliativos, tendo como objetivo geral discutir sobre a atuação do psicólogo hospitalar no acompanhamento do paciente em cuidados paliativos. Para alcançá-lo, buscou-se apresentar a atuação do psicólogo nos cuidados paliativos, identificar os aspectos trabalhados pelo psicólogo para ajudar o paciente a lidar com a morte e levantar a necessidade da prática do autocuidado do profissional.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é uma revisão bibliográfica narrativa e abordagem qualitativa. Foram utilizados os artigos de Alves, Cunha, Santos e Melo; Andrey; Costa, Castro, Coutinho e Coutinho; Fernandes, Feldhaus e Matioli; Fitaroni, Bousfield e Silva; Lucena, Rodrigues, Freire, Araújo e Zaccara; Mota; Oliveira e Abrantes.

Para a realização da coleta de dados foram pesquisadas fontes científicas nas plataformas da Capes e Scielo e o material bibliográfico abordado para análise foram artigos encontrados nas plataformas científicas já mencionadas. A fim de selecionar os trabalhos que tivessem relação com o tema, elegeu-se os descritores: cuidados paliativos, psicólogo hospitalar e psicologia em pacientes terminais. A análise do material foi conduzida, inicialmente pela seleção de trabalhos com títulos ligados ao assunto, sendo descartados os artigos repetidos, e, na sequência, foi feita a leitura dos resumos das obras, sendo desconsiderados aqueles que não estavam alinhados à proposta desta pesquisa. Como último passo da análise, os trabalhos selecionados passaram por uma leitura reflexiva e interpretativa, na qual se construiu um panorama dos posicionamentos e perspectivas dos autores quanto ao tema em questão. Como critérios de inclusão, foram considerados os artigos completos no idioma português e inglês.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O psicólogo nos cuidados paliativos

De acordo com Maciel (2008, apud FITARONI; BOUSFIELD; SILVA, 2021), o aumento da longevidade e doenças crônicas fez com que fossem instaurados os Cuidados Paliativos (CP), que busca uma qualidade de vida mais confortável para os indivíduos que possuem um quadro clínico ativo, progressivo e irreversível que ameaça a continuidade da vida (FERNANDES, FELDHAUS, MATIOLI, 2021; FITARONI, BOUSFIELD, SILVA, 2021).

Os Cuidados Paliativos são realizados em pacientes quando tratamento não é eficaz, focando no cuidado e assistência, de forma providenciar que o sujeito tenha um certo nível de bem-estar, além de uma morte pacífica e digna, dentro das capacidades e limitações existentes (MONTEIRO et al., 2019, tradução nossa).

Tais cuidados oferecem a prevenção e amenização do sofrimento tanto dos pacientes quanto de seus familiares, incluindo também o diagnóstico precoce e os possíveis tratamentos. Fernandes, Feldhaus e Matioli (2021) afirmam que o CP viabiliza uma assistência de caráter humanizado, investindo nos tratamentos que englobam os sintomas físicos, espirituais, psicológicos e sociais. Posto isso, pode-se observar que os cuidados paliativos tem como proposta a assistência dos sujeitos e seus acompanhantes, contemplando o conforto, a dignidade e a consagração dos seus sentimentos. Diante disso, a psicologia possui grande relevância para o cuidado de pessoas em estado terminal (LUCENA et al., 2020).

O psicólogo deve proporcionar o acolhimento e uma nova perspectiva da situação vivenciada ao doente, direcionando-o a um novo sentido de vida. Ademais, contribui na assistência emocional, principalmente em contextos que ocasionam o estresse, fadiga, ansiedade e depressão. Os profissionais desta área vislumbram a maximização do bem-estar do paciente, através de práticas comportamentais saudáveis, pretendo alcançar um estado de conforto em relação à doença e a morte (LUCENA et al., 2020). Segundo Alves et al.,(2019), as práticas paliativistas visam um cuidado integral do indivíduo que devem ser respeitados até o fim da vida.

Consoante Lucena et al. (2020), a atuação da psicologia nos cuidados paliativos é centrada no auxílio ativo do sujeito, respeitando os limites do mesmo. Essa perspectiva psíquica enaltece os recursos subjetivos, mentais e emocionais para que a pessoa possa lidar com a própria existência diante do seu diagnóstico, além de propor uma reflexão sobre a finitude e fortalecer a consciência para aquilo que a vida representa ou pode representar.

Segundo os princípios citados pela OMS no ano de 1986, que foram retificados em 2002, a psicologia pode ser aplicada e atuar diretamente em cada base, que são: a promoção do alívio de dor e demais sintomas desagradáveis; considerar a morte como um ciclo natural da vida; não apressar a morte; incluir os aspectos espirituais e psicológicos nos cuidados; prestar assistência aos familiares durante a doença do paciente; contribuir de maneira positiva para o curso da doença e proporcionar um bem-estar clínico; e a inclusão de todos os meios necessários para o tratamento paliativo. Outras atividades envolvem o desenvolvimento da independência e autonomia do indivíduo e a comunicação entre seus familiares e demais membros dos grupos sociais, bem como, o

acompanhamento terapêutico do paciente (FERNANDES; FELDHAUS; MATIOLI, 2021).

Portanto, conforme Costa et al. (2022), nos CP cabe a psicologia priorizar a qualidade de vida nas dimensões psicossociais, espirituais, físicas e emocionais, assim como acolher a família e apoiar a equipe. No contexto familiar, o profissional deve mediar os conflitos entre a família, equipe e paciente (DOMINGUES et al., 2013, apud COSTA et al., 2022), também precisa oferecer apoio psicológico para o sofrimento acarretado durante e posteriormente o processo terminal, inclusive na elaboração do luto (COSTA et al., 2022).

Aspectos psicológicos trabalhados nos cuidados paliativos

O psicólogo desempenha um papel essencial diante dos princípios que regem os CP, contribuindo para que a pessoa possa vivenciar aquilo que é denominado uma “boa morte”, sendo isto possível através dos processos de prevenção, diagnóstico e nas demais etapas do acompanhamento, que devem ser elaboradas e realizadas visando a qualidade de vida do indivíduo (LUCENA et al., 2020).

Dentre as práticas psicológicas nos cuidados paliativos, Rodrigues e Souza (2015, apud COSTA et al., 2022) destacam-se o amparo do sujeito e de sua família, o conforto gerado pela empatia e acolhimento e contribuição com as demandas trazidas por conta do processo. É importante considerar a subjetividade do paciente, respeitando sua individualidade e compreendendo suas necessidades em um processo que pode ser longo ou lento. Para isso, o psicólogo pode empregar a escuta qualificada e o acolhimento humanizado (COSTA et al., 2022).

Truchart et al. (2003, apud COSTA et al., 2022) declara que embora o profissional faça um atendimento terapêutico, não é uma psicoterapia nos moldes do setting terapêutico. O foco desse acompanhamento é minimizar o sofrimento causado pela hospitalização, finitude e demais conflitos que não obrigatoriamente envolvem a hospitalização.

Por conta dessas limitações, é importante que o psicólogo desenvolva a capacidade de compreender as necessidades do sujeito, da família e da equipe de saúde, auxiliando com os “anseios, medos, valores culturais, e espirituais, mediando questões pendentes, como despedidas, agradecimentos, reconciliações” (ANCP, 2009, apud COSTA et al., 2022, p. 10).

Ademais, o profissional também deve atuar no relacionamento entre paciente, família e equipe técnica. Monteiro et al. (2019, tradução nossa) declara que um dos maiores problemas entre as partes acima é originado por uma série de diferentes fatores, mas que a comunicação é um dos métodos mais eficazes para lidar com as adversidades que surgem de tal problemática.

Souza et al. (2020, tradução nossa) defende a importância da comunicação, que deve ser utilizada como recurso assegurador de que as necessidades dos envolvidos sejam atendidas através do compartilhamento de experiências e inseguranças, de maneira sensível, informativa e acolhedora. Para que assim seja promovido um ambiente em que todas as partes são capazes de interagir e ter um bom relacionamento, evitando problemas de comunicação, brigas e erros que possam afetar o bem estar e/ou qualidade de vida do paciente (SOUZA; JARAMILLO; BORGES, 2021, tradução nossa).

Monteiro et al. (2019, tradução nossa) afirma que uma das maiores dificuldades enfrentadas na comunicação está relacionada à transmissão da mensagem à família, visto que a equipe técnica teme conversar claramente sobre o prognóstico e as limitações dos tratamentos por medo de destruir as expectativas e causar maior angústia.

O acompanhamento familiar com este paciente em fase terminal deve ser estabelecido, fazendo com que o psicólogo busque essa aproximação entre o paciente e sua rede social, além de proporcionar que a família tenha conhecimento sobre as diferentes fases do quadro clínico daquela pessoa. Desta maneira, o profissional atua entre o campo familiar, as unidades de suporte e o paciente, para que exista uma adesão à assistência estabelecida para o acompanhamento daquele indivíduo (LUCENA et al., 2020).

Monteiro et al. (2019, tradução nossa) propõe algumas das necessidades que das famílias de pessoas em CP são: estar próximo do paciente; sentir-se útil; conhecimento das alterações no estado clínico; saber o cuidados proporcionados e a razão; ter garantias sobre o controle do sofrimento e dor; ser capaz de expressar os sentimentos e preocupações; ser acolhido e consolado; descobrir um sentido para a morte do sujeito. A maioria dessas demandas podem ser atendidas por meio da comunicação entre a equipe de saúde e os familiares.

Tais práticas e intervenções visam a promoção do cuidado com o sujeito, considerando suas dimensões físicas, sociais e espirituais, assim como o treinamento e

saúde dos profissionais que realizam esses procedimentos (SOUZA; JARAMILLO; BORGES, 2021, tradução nossa).

O autocuidado do profissional que trabalha com cuidados paliativos

Oliveira e Abrantes (2020) afirmam que o psicólogo hospitalar deve lidar com as perdas de seus pacientes e o sofrimento psíquico dos familiares em luto. Em consonância, o profissional não pode ignorar seus próprios cuidados emocionais e sentimentais, pois uma vez que isso aconteça, seu desempenho de trabalho pode ficar prejudicado.

O processo de autoconhecimento é essencial para o autocuidado desse sujeito. O vínculo existente entre o contexto paliativo e o autoconhecimento auxilia o psicólogo a conhecer suas limitações e potencialidades, contribui no aumento da autoestima e capacidades para suportar os conflitos cotidianos. De acordo com Branden (1998, apud OLIVEIRA; ABRANTES, 2020), o conceito do autoconhecimento abrange aspectos que influenciam no desenvolvimento ou resgate da autoconfiança para enfrentar problemáticas, bem como permite que os sentimentos e emoções não interfiram nos atendimentos psicológicos com o paciente e seus familiares.

O autocuidado é uma maneira consciente de adotar medidas preventivas para o bem estar mental, e por isso deve ser realizado constantemente. A perspectiva holística propõe que a pessoa deve ser encarada em toda a sua globalidade, sendo afetiva, comportamental, espiritual, social e outras, visto que esta percepção possibilita a adoção de estratégias que visam a prevenção dos desgastes dos psicólogos paliativos (MOTA, 2017).

Mota (2017) afirma que essas estratégias de autocuidado podem ocorrer em três dimensões: pessoal, institucional e grupal. O plano de estratégias do autocuidado pessoal envolve as condutas negativas, que buscam a modificação comportamental, a distribuição adequada de atividades para que não haja sobrecarga e um espaço de descanso ou relaxamento. Enquanto que as estratégias institucionais, as redes de suporte e a construção de vínculos através das relações interpessoais são essenciais no contexto laboral para o exercício da função. E as estratégias grupais, por sua vez, são referentes ao compartilhamento de atividades, ideias, opiniões e técnicas, estabelecendo um caráter construtivo de modelos de atendimentos em equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do psicólogo nos cuidados paliativos desempenha um papel de extrema relevância em um momento da vida que exige compaixão, compreensão e suporte emocional. Ao longo desse processo, o psicólogo não apenas ajuda o paciente a lidar com a perspectiva da morte, mas também desvenda complexas emoções, angústias e dilemas que surgem nesse cenário.

Um dos aspectos primordiais do trabalho do psicólogo em cuidados paliativos é a identificação e o acolhimento das preocupações emocionais, existenciais e espirituais do paciente. Eles fornecem um espaço seguro para que os pacientes expressem seus medos, ansiedades e desejos, promovendo uma compreensão mais profunda da própria experiência diante da morte iminente.

Além disso, o psicólogo ajuda o paciente a explorar e encontrar significado na sua jornada, ajudando a refletir sobre sua vida, relações e realizações. Isso pode proporcionar uma sensação de integridade e paz, permitindo que o paciente se concentre em viver seus últimos momentos com dignidade e tranquilidade.

Contudo, para que o psicólogo desempenhe essa função tão vital, é fundamental reconhecer a importância do autocuidado. Lidar com a morte diariamente é emocionalmente desafiador, e a necessidade de manter um equilíbrio emocional é evidente. Os profissionais devem procurar apoio, supervisionar seu próprio bem-estar emocional e garantir que tenham recursos para enfrentar o impacto emocional de seu trabalho.

A integração desses objetivos — a atuação empática e eficaz nos cuidados paliativos, a identificação dos aspectos emocionais e existenciais e o cuidado com o próprio psicólogo — cria uma abordagem abrangente e humanizada, proporcionando um ambiente de apoio para os pacientes em uma fase tão sensível de suas vidas. O trabalho do psicólogo nesse contexto enriquece a qualidade dos cuidados, permitindo que os pacientes enfrentem a morte com maior compreensão, conforto e serenidade, enquanto os profissionais podem continuar a desempenhar um papel fundamental, ajudando a aliviar o sofrimento e proporcionar conforto em um momento de grande vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Railda Sabino Fernandes; CUNHA, Elizabeth Cristina Nascimento; SANTOS, Gabriella César; MELO, Myriam Oliveira. Cuidados Paliativos: Alternativa para o Cuidado Essencial no Fim da Vida. **Psicologia: Ciência e Profissão**, *s.l.*, v. 39, ed. 185734, 2019. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1012828#fulltext_urls_biblio-1012828. Acesso em: 27 nov. 2022.

ANDREY, M. C. R. *et al.* A vivência do luto de psicólogos dentro das instituições. **Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 25-34, jan./jun. 2020.

COSTA, F. G.; CASTRO, G. M. M.; COUTINHO, M. P. L. COUTINHO, M. L. Práticas psicológicas e cuidados paliativos no contexto pandêmico: um estudo das representações sociais. **Research, Society and Development**, São Paulo, v. 11, n. 3, ed. 43111326655, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/26655/23400/313435>. Acesso em: 19 set. 2022.

FERNANDES, L. F.; FELDHAUS, A. F.; MATIOLI, A. L. O. A atuação da psicologia hospitalar nos cuidados paliativos em pacientes oncológicos. *In: Encontro Científico Cultural Interinstitucional*, 19, 2021, Cascavel. **Anais do 19º Encontro Científico Cultural Interinstitucional**. Cascavel: FAG, 2021. Disponível em: https://www2.fag.edu.br/coopex/inscricao/arquivos/ecci_2021/13-10-2021--18-11-50.pdf. Acesso em: 17 set. 2022.

FITARONI, J. B.; BOUSFIELD, A. B. S.; SILVA, J. P. Morte nos Cuidados Paliativos: Representações Sociais de uma Equipe Multidisciplinar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 41, ed. 209676, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/FjVGRnTTnvTrtcXk3rMqsMS/>. Acesso em: 17 set. 2022.

LUCENA, L. L.; BATISTA, J. B. V.; RODRIGUES, M. S. D.; FREIRE, M. L.; ARAÚJO, C. R. D.; ZACCARA, A. A. L. Cuidados paliativos na terminalidade: revisão integrativa no campo da psicologia hospitalar. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 1253-1259, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/9443/pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

MONTEIRO, Mayla Cosmo; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; DANTAS, Cristina Ribeiro. The decision-making process in families of terminal ICU patients. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 24, n. 3, p. 437-448, jul./set. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/kvFwywTHmP7jJjwRyJpVSrc/?lang=en>. Acesso em: 06 mai. 2023.

MOTA, A. N. C. **O autocuidado do psicólogo clínico: equilíbrio entre a vida pessoal e profissional**. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017. Disponível em:

https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33255/1/ulfpie052857_tm.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

OLIVEIRA, F. G. N.; ABRANTES, D. S. S. O autocuidado do psicólogo hospitalar frente à finitude de seus pacientes. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**, Macapá, v. 3, n. 2, p. 18-26, 2020. Disponível em: <https://arqcientificosimmes.emnuvens.com.br/abi/article/view/374/119>. Acesso em: 20 set. 2022.

SOUZA, F. A. C.; BORRELI, A.; FERNANDES, M. A.; COSTA, S. F. G.; ANDRADE, C. G.; ANDRADE, F. F. Scientific production in oncological palliative care with emphasis in communication. **Revista Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 66, n. 10, p. 1455-1460, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/vkcLWFW9MLJvryXdbnDhD8q/?format=pdf&lang=en>. Acesso em 02 mai. 2023.

SOUZA, M. C. S.; JARAMILLO, R. G.; BORGES, M. S. Comfort of patients in palliative care: an integrative review. **Revista Enfermería Global**, Murcia, v. 20, n. 1, p. 420-465, jan. 2021. Disponível em: <https://revistas.um.es/eglobal/article/view/420751/297641>. Acesso em 02 mai. 2023.